

313

Collor condena atuação

no

sexta-feira, 29/5/92 □ 1º caderno □ 5

lenta do Congresso

BRASILIA — O presidente Fernando Collor fez ataques frontais à lentidão com que atua o Congresso Nacional, no encontro que manteve ontem com 10 lideranças empresariais de todo o país, capitaneadas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Empresários contaram que Collor usou expressões fortes para caracterizar essa lentidão, classificando-a como “um absurdo”, por retirar do governo condições para dar andamento a projetos vitais para a modernização econômica.

O presidente citou o projeto que altera a legislação dos portos e a proposta de ajuste fiscal, entre os temas vitais. Os empresários entregaram a Collor carta de apoio à sua iniciativa de apuração das denúncias de corrupção levantadas por Pedro Collor, considerando-a um gesto em defesa da democracia.

Collor disse aos empresários que os parlamentares limitam-se a trabalhar uma vez por semana, o que emperra a tramitação dos projetos. O presidente mencionou a necessidade de recorrer a medidas provisórias para acelerar o desempenho de seu governo. E carregou nas tintas ao comentar o projeto da reforma tributária, dizendo que não é possível

reduzir a inflação sem a adoção de um ajuste fiscal. Sobre o projeto dos portos, deixou claro que é necessária uma solução urgente, que depende exclusivamente do Congresso.

As queixas do presidente surtiram efeito entre os empresários, a julgar por suas declarações ao final do café da manhã. O senador Albano Franco, presidente da CNI, insistiu, por exemplo, que é preciso rapidez no ajuste fiscal. O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luís Carlos Mandelli, foi mais além: “O ajuste fiscal tem que ser feito ainda este ano, superando qualquer dificuldade regimental, para que esteja em vigor para 1993.”

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, que participou do café da manhã, preocupou-se em reafirmar sua crença numa política econômica clássica, em que não há espaço para sobressaltos. “As regras do jogo não vão mudar”, assegurou aos empresários. Reunidos anteontem na casa de Albano Franco, em Brasília, os empresários combinaram que recomendariam ao presidente a concessão de tratamento diferenciado a três setores da economia: agricultura, comércio exterior e construção civil.

Mas, no decorrer do encontro

com o presidente, não faltaram avaliações de que a reversão das expectativas negativas que cercam o combate à inflação só será alcançada quando for possível observar uma queda continuada nas taxas mensais de juros.

A persistência de um cenário de instabilidade econômica foi o mote para que os empresários enfocassem um tema que os preocupa particularmente: a competitividade da indústria brasileira frente aos concorrentes estrangeiros. O presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, José de Alencar Gomes da Silva, lembrou que a indústria instalada nos mercados desenvolvidos tem na estabilidade da moeda uma vantagem em relação aos brasileiros. “Eles fazem previsões anuais de compra, enquanto nós somos obrigados a trabalhar com estimativas diárias”, disse.

Também participaram do café da manhã os empresários Antônio Oliveira Santos, da Confederação Nacional do Comércio, Herman Weaver, da Siemens, Jorge Gerdau, do grupo Gerdau, Mário Amato, da Fiesp, Felix Bulhões, da White Martins, Artur João Donato, da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, e Lázaro Brandão, do Bradesco.